

Os discursos da negritude: Reflexões acerca da literatura afro-brasileira

The discourses of blackness: Reflections on Afro-Brazilian Literature

Zé Mariano¹

RESUMO: O presente artigo reflete acerca da literatura afro-brasileira a partir da subjetividade de sujeitos marcados pelo estigma da diferença racial. Problematizando o conceito de literatura afro-brasileira elaborado pelo professor Eduardo de Assis Duarte, sugiro o desenvolvimento de quatro eixos discursivos para balizar um adequado processo analítico/interpretativo das produções de autores negros/mestiços, desde o século XIX até a contemporaneidade. São eles: a *Política de Identidade*; o *Negro-Feminino*; a *Negra Dor do Mestiço*; e o *Branqui-Negritude*.

ABSTRACT: This article reflects on Afro-Brazilian literature from the subjectivity of subjects marked by the stigma of racial difference. Questioning the concept of Afro-Brazilian literature developed by Professor Eduardo de Assis Duarte, I suggest the development of four discursive axes to guide an adequate analytical/interpretative process of the productions of black/mestizo authors, from the 19th century to the present day. They are: the *Política de Identidade*; o *Negro-Feminino*; a *Negra Dor do Mestiço*; e o *Branqui-Negritude*.

PALAVRAS-CHAVE: literatura afro-brasileira; negritude; discurso; afrodescendência.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Negritude; Discourse, Afrodescendant

1 Mestrando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) na Universidade de São Paulo – Brasil com bolsa CAPES de fomento.



Introdução

Nas últimas décadas, pesquisadoras e pesquisadores têm se debruçado em uma árdua crítica do mito da democracia racial, descortinando as violências oriundas da instituição da escravidão e do preconceito no Brasil. A partir da década de 1940, com o desenvolvimento da imprensa negra e a construção do movimento negro unificado, essas desigualdades tornaram-se foco central dos movimentos sociais e intelectuais interessados na problematização da questão racial no Brasil,² tanto na esfera política quanto artística.

Décadas mais tarde, após a renovação da produção crítica dos estudos raciais nos anos 1960 com os trabalhos de Florestan Fernandes e Roger Bastide, uma nova safra de críticos literários surgiu complexificando a relação entre produção literária e subjetividade da população afrodescendente. Atentos à incorporação da experiência racial ao processo criativo literário, esses pesquisadores e pesquisadoras mostraram-se conscientes da necessidade de elaboração de novas pesquisas para atualização das bases teórico-conceituais de análise do produto literário³. No decorrer das próximas décadas, moldou-se cada vez mais uma concepção de literatura afro-brasileira concatenada às perspectivas de luta e resistência do povo negro. A noção de uma identidade negra coesa, reivindicada historicamente pelos movimentos de resistência, e a percepção de uma literatura politicamente engajada com a questão racial no Brasil, se tornaram temáticas comuns nos estudos sobre literatura afro-brasileira

2 Para um maior detalhamento dos primeiros passos da desconstrução do mito da democracia racial, veja NASCIMENTO (2016), FERNANDES (2007) e FERNANDES e BASTIDE (2008).

3 Refiro-me, aqui, aos primeiros trabalhos críticos sobre a literatura afro-brasileira e, principalmente, aos trabalhos Zila Bernd (BERND, 1987, 1988), Octavio Ianni (IANNI, 1988) e Proença (PROENÇA-FILHO, 1988), pesquisas que devem ser lidas e contextualizadas a partir das inovações dos últimos anos na área. O trabalho de Eduardo de Assis Duarte (DUARTE, 2008) e Conceição Evaristo (EVARISTO, 2009) são, com certeza, sopros de renovação das últimas duas décadas por centralizarem suas análises nas instâncias discursivas do texto literário. No entanto, todos esses trabalhos encontram dificuldades na apreensão das distintas experiências da negritude no Brasil.

Propõe-se neste artigo verificar e problematizar certos enrijecimentos teóricos e barreiras conceituais levantadas nas últimas décadas que, em certos aspectos, enclausuraram o texto literário afro-brasileiro a noções essencialistas da identidade negra. Essa crítica nos permitirá verificar as diferentes experiências da negritude que orbitam o produto literário afro-brasileiro.

Não é minha intenção, neste artigo, definir este produto literário. Atenho-me mais à compreensão dos processos pelos quais as distintas experiências da população negra são conectadas ao dado da afrodescendência e como este, por sua vez, é colocado no texto literário. Para cumprir esse objetivo, apresentarei a literatura afro-brasileira como um conjunto interdiscursivo⁴ de atribuição de sentido às experiências da negritude, sendo estas últimas os elementos estruturantes da representação social da identidade negra no Brasil⁵. Esse conjunto pode ser representado por quatro eixos discursivos: o da *Política da Identidade*, o *Negro-feminino*, o da *Negra Dor do Mestiço* e o da *Branqui-negritude*. Vislumbra-se assim uma definição de literatura afro-brasileira menos rígida e, por consequência, erigida a partir de conceitos mais fluidos objetivando uma melhor apreensão da relação entre *Escritura e Experiência* (DUARTE, 2010) na produção literária de sujeitos negros no Brasil.⁶

- 4 Compreendo esse conjunto interdiscursivo como uma relação construída entre diferentes formas discursivas, em uma determinada sociedade e em um determinado momento histórico. Michel Foucault, ao refletir sobre como literatura, a política, a filosofia e as ciências atuavam na articulação do campo discursivo nos séculos XVII e XVIII, afirma que esses discursos vinculados à produção do conhecimento são “fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis.” (FOUCAULT, p.25, 2008). Foucault refere-se, no trecho citado, aos diferentes discursos em circulação que, mesmo passíveis de serem classificados - inclusive dentro de suas respectivas áreas do saber -, terão seu real significado apreendido, em sua dimensão discursiva total, somente se focalizados sob o prisma de outras formas discursivas já existentes. Busco, assim, analisar os diferentes discursos da negritude em seus processos interdiscursivos e na complexa relação que travam entre si.
- 5 Utilizo aqui o conceito de *sistema de representação*, da autora Kathryn Woodward. Em diálogo com Stuart Hall, Woodward relata que é a partir dos sistemas simbólicos de significação que damos sentido às identidades do mundo. Esse sistema é constituído por práticas e produtos culturais que nos posicionam como sujeitos. É o sistema simbólico da representação social da identidade que estabelece e sedimenta, assim, as identidades individuais e coletivas da sociedade. (WOODWARD, 2000)
- 6 Gostaria de salientar, aqui, que a proposta deste artigo não é desvendar todas as relações existentes entre literatura e a prática da apreensão da experiência racial. Sabemos que muitas experiências



Sistematização da literatura afro-brasileira e os discursos da negritude

Entre as tentativas de sistematização da literatura afro-brasileira, o conceito desenvolvido por Eduardo de Assis Duarte é uma das proposições mais bem elaboradas no campo dos estudos literários. Seu artigo intitulado *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (DUARTE, 2010) atualizou os estudos sobre o tema e abriu portas para pesquisadoras e pesquisadores interessados nas relações entre literatura e afrodescendência.

Duarte propõe a criação de cinco instâncias discursivas para a compreensão da produção literária de sujeitos negros. São elas: a *Temática*, a *Autoria*, o *Ponto de Vista*, a *Linguagem* e o *Público*.

A partir, portanto, da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – *Temática*, *Autoria*, *Ponto de vista*, *Linguagem* e *Público* – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Tais componentes atuam como constantes discursivas presentes em textos de épocas distintas. Logo, emergem ao patamar de critérios diferenciadores e de pressupostos teórico-críticos a embasar e operacionalizar a leitura dessa produção. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepional são insuficientes. (DUARTE, 2010, p.135)

Eduardo de Assis Duarte afirma a presença de distintas “constantes discursivas” que, ao entrarem em contato umas com as outras, materializam o produto literário afro-brasileiro. Trata-se de uma interação dinâmica que segmenta a obra literária, diferenciando-a de outras produções e particularizando-a por eixos discursivos intra e extra-literários. A articulação entre o preenchimento ou não desses aspectos é o

podem ter ficado de fora da sistematização proposta neste trabalho (por exemplo, a identidade indígena e outras identidades híbridas). Entretanto, nosso objetivo principal é sistematizar a forma como escritoras e escritores negros e mestiços, a partir de um recorte literário do século XIX até a contemporaneidade, utilizam-se de suas próprias experiências para desenvolver produtos literários.

que, na concepção de Duarte, caracteriza a literatura afro-brasileira como um produto cultural⁷. No entanto, para descortinar o processo de efetivação desses discursos, é necessário pensar essas instâncias discursivas menos como elementos comprova- dores de uma afro-brasilidade e mais como unidades úteis para a identificação das camadas mais profundas do texto literário afro-brasileiro. É necessário identificar os processos de estetização da experiência racial na dinâmica interdiscursiva da criação literária.

Existe, na proposta de Duarte, um pressuposto que dita as formas de com- preensão e assimilação da experiência racial na literatura e que age sobre a noção de alteridade a partir de uma consciência política do dado da negritude. Em campos artísticos e políticos, esse pressuposto se materializa por um projeto literário e/ou uma propensão de autores e autoras negras discutirem abertamente a realidade de sujeitos negros no Brasil⁸. Em outras palavras, molda-se, pelo conceito proposto por Eduardo de Assis Duarte, uma metodologia de leitura e análise enraizada em uma projeção política e consciente do dado da negritude⁹

-
- 7 Os cinco eixos de Eduardo de Assis Duarte refletem, em parte, o fenômeno sistêmico proposto por Antônio Candido, constituído pela “existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma lingua- gem, traduzida em estilos), que liga uns a outros” (CANDIDO, p.23, 2000). Apesar da proposta de Eduardo não elaborar um conceito sistêmico, seus eixos discursivos dialogam com o triângulo de Antonio Candido, composto por obra, autor e público.
 - 8 O mesmo pensamento pode ser visto no artigo *Panorama da Literatura Afro-brasileira*, de Edimilson de Almeida Pereira (PEREIRA, 1995). No artigo, o autor lista alguns escritores negros e mestiços revelando quais discutiriam as questões sobre o negro no Brasil e quais não. O que busco pro- blematizar, nesse artigo, é que a tematização do negro na literatura pode ocorrer de formas tão complexas e distintas que, muitas vezes, não estão ligadas a uma fácil percepção ou delimitação temática. É necessária uma análise interdiscursiva mais profunda para percebermos as formas pelas quais os sujeitos incorporam as experiências raciais na literatura.
 - 9 Acredito que seu livro intitulado *Machado de Assis Afrodescendente* (DUARTE, 2020) vai nessa mesma esteira. Procura-se identificar a relação entre afrodescendência e produção literária por meio da identificação de temáticas ligadas à problemática dos negros e negras no Brasil. Assim, levanta-se trechos de obras, contos, crônicas e artigos de jornal em que Machado de Assis demonstra uma faceta consciente e política da situação negra no Brasil. Longe de criticar essa pesquisa, acredito que essa metodologia se ampara em apenas uma forma discursiva de apreensão da experiência afro-brasileira na literatura. Outras obras que não trabalham de forma tão óbvia a negritude, como *Dom Casmurro* (1899) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), não seriam encaradas como ro- mances afro-brasileiro? Essa contradição será problematizada em uma das seções seguintes.



Não se busca, com este trabalho, desarmar a literatura afro-brasileira de seu valor político-intervencionista da realidade - tão poderoso e necessário na história do combate ao racismo e da reivindicação dos direitos dos sujeitos negros. No entanto, é essencial a problematização dos rígidos mecanismos de leitura que se aplicam em obras que não partem de um ponto vista consciente da identidade racial.

Ora, se é correto o raciocínio do sociólogo Clóvis Moura ao afirmar que sujeitos negros e mestiços colocam sua identidade étnica em disputa, trocando muitas vezes “a concreta realidade por uma dolorosa e enganadora magia cromática na qual o dominado se refugia para aproximar-se simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador” (MOURA, 2019, p.92,), é essencial perguntar: como adquirir, enquanto autora ou autor negro, uma plena consciência do dado da negritude em uma sociedade condicionada a disputar, atacar e destruir, através da ideologia da Democracia Racial e da prática estrutural do branqueamento racial, o dado da afrodescendência? Ainda mais, como supor uma *Autoria*, uma *Temática*, uma *Linguagem*, um *Ponto de Vista* e um *Público* afrodescendente em uma sociedade em que essas instâncias se tornam elementos fluidos e descentrados da negritude? As respostas incertas a essas perguntas evidenciam as lacunas do conceito de Eduardo de Assis Duarte e a dificuldade de sua proposta abarcar as diferentes experiências dos sujeitos negros no Brasil.

O assunto complexifica-se ainda mais ao debatermos a relação entre negritude e mestiçagem. Kabenguele Munanga, em seu famoso livro *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*, mostra como esse elemento se relaciona à identidade nacional brasileira. O autor relata que:

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o “passing” que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indistigíveis. Estes, por sua vez, interiorizaram os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação

dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e identidade coletivas. Tanto os mulatos quanto os chamados negros “puros” caíram a armadilha de um branqueamento ao qual não terão todos acesso, abrindo mão da formação de sua identidade de “excluídos” (MUNANGA, 2019, p.83)

A mestiçagem esteve na mira das principais discussões sobre a identidade nacional. Desde o projeto de nação da primeira república, construído em diálogo direto com as principais teorias raciais europeias do século XIX que viam o sujeito negro como elemento degenerativo da sociedade, até o mito da democracia racial, surgido a partir do trabalho realizado por Gilberto Freyre na década de 1930, identidade nacional e mestiçagem andaram lado a lado. Kabenguele ilumina o debate ao demonstrar como diferentes sujeitos marcados pelo estigma racial não encontraram solidariedade coletiva, ocasionando, assim, lacunas no próprio processo de constituição de uma identidade coesa. Neste sentido, a aculturação¹⁰ é perpetuada como uma eterna lógica de incorporação de sujeitos negros/mestiços ao universo do *mundo branco* (FERNANDES, 2007), ou, em outras palavras, ao universo representacional e identitário da branquitude¹¹.

Dessa forma, é possível afirmar que os discursos da negritude não serão materializados na literatura de formas idênticas, mesmo preenchido os cinco pontos levantados por Eduardo de Assis Duarte. O fato é que sob uma única fachada intitulada “afro-brasileiro”, as minúcias e contradições dos discursos da negritude são

10 Clovis Moura compreende o processo de aculturação como o desenvolvimento de um espaço cultural neutro que possibilita que “negros não se unam ante a “desgraça comum” (MOURA, p.78, 2019. Trata-se menos de uma dinâmica social e mais de “um mecanismo usado pelas classes dominantes e os seus seguidores ideológicos para neutralizar a radicalização da população negra, de um lado, e, de outro, mostrar-nos internacionalmente como a maior democracia racial do mundo.” (Ibidem, 2019). O processo de aculturação estaria então relacionado à destruição da identidade negra e à construção de um mecanismo social potencializador da imobilidade do povo negro frente às desigualdades enfrentadas.

11 Compreendo branquitude como uma identidade social construída a partir de um sistema simbólico da representação social da diferença (WOODWARD, 2000) e também como um constructo ideológico do poder (SCHUCCMANN, 2012), no qual a identidade branca é tomada coletivamente como norma e padrão social.



escamoteadas. Falo de *discursos*, no plural, pois acredito que a experiência racial no Brasil é significada a partir de uma pluralidade de complexas camadas de sentido, originadas da relação entre o mundo social e o dado da diferença/alteridade. Sujeitos próximos ao estigma da diferença racial vivenciam, de distintas formas, a diferença racial e, de formas também diferentes, projetam essas experiências no fazer literário. Assim, identificar e caracterizar os processos discursivos desses produtos literários nos auxiliará a complexificação do conceito de Eduardo de Assis Duarte e da própria literatura afro-brasileira - desde o século XIX até a contemporaneidade..

A negritude como um discurso político da identidade

Ao olharmos atentamente a produção literária afro-brasileira, identificamos autoras e autores que vinculam suas obras a um projeto político-literário e/ou a uma produção literária “consciente” da experiência do sujeito negro no Brasil. Essa forma discursiva, em grande parte, é uma tentativa de compreender, problematizar e tematizar o sujeito negro por meio de uma consciência política do dado da diferença. Autores como Luiz Gama, Lino Guedes, Solano Trindade e, na literatura contemporânea, Cuti, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, se debruçaram em uma escrita calcada na experiência racial vivida e dimensionada como uma consciência política do dado da diferença¹².

Neste eixo, o dado da afrodescendência é extremamente marcado e articulado. Conceição Evaristo, em seu texto “Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-brasilidade”, afirma que:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção

12 É essencial lembrarmos o trabalho realizado pelo grupo Quilombhoje com as publicações dos Cadernos Negros, iniciada nos anos 80. A publicação trata-se da primeira tentativa editorial de circular obras escritas e pensadas para sujeitos negros no Brasil, levando em conta os dados da autoria, da temática e do público. Para aprofundamento do tema, ver SOUZA (2005).

de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira (EVARISTO, 2009, p.19)

Conceição entrega-nos uma característica da textualidade afro-brasileira a partir de algumas premissas: a certeza sobre os aspectos positivos da etnicidade, da identidade negra, da valorização de traços fenotípicos e das heranças culturais da diáspora negra e do próprio continente africano. Trata-se, portanto, da escrita literária como um grito consciente e positivo da negritude.

Ao olharmos os famosos versos de Luiz Gama, de seu poema “Lá vai verso”, publicado em 1859, no livro *Trovas Burlescas*, escreve o autor:

Oh! Musa da Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrado,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço d’urucungo,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a ciência da candimba,
As vias me conduz d’alta grandeza (GAMA, 2016, p.30)

O poeta invoca a Musa da Guiné para inspirar seus versos e dar força para a condução da instância lírica à “alta grandeza”, positivando a referência racial. Existe no poema uma consciência da assimilação da negritude ao fazer poético, ditando o andamento do poema e guiando a instância lírica pelos signos próprios da afrodescendência.

No poema “Meu corpo igual”, do livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2017), Conceição Evaristo se aproxima dessa mesma consciência política. Em uma estrofe, a autora escreve:

Na escuridão igual
meu corpo noite



abre vulcânico
a pele étnica
que me reveste. (EVARISTO, 2017, p.15)

A estrofe revela também uma consciência do dado da negritude que se espalha por todo o poema. Os dados da natureza (“a noite”, “a escuridão”, “o vulcânico”) tornam-se elementos que inscrevem a experiência racial ao fazer poético por meio de uma consciência da valorização do corpo negro - em uma incorporação da experiência racial à linguagem literária.

Essa forma discursiva pode articular uma linguagem que particulariza a experiência do povo negro no Brasil a partir de idiomas e dialetos de origem afro-brasileira. Solano Trindade, no poema “Olorum Shanu”, emula essa experiência racial utilizando um recurso linguístico que traz à tona elementos de ancestralidade, por meio dos mitos de religiões de matriz afro:

Depois
Veio **Obaladou**
Para evitar
Os males de **Oxum**
Olorum Shanu
Dada e **Orishako**
Com plantas e verduras
Olorum Shanu (TRINDADE, p.82, 2007, grifo nosso)

O léxico referencial evoca uma relação de memória e ancestralidade, objetivando a explicação da origem do mundo. Assim, não se trata apenas de uma narrativa religiosa, são signos que se ligam aos elementos mais profundos e complexos da negritude, atribuindo sentido a uma experiência racial específica: a da vivência nas religiões de matriz africana. A partir da utilização desses signos, uma dimensão política é estabelecida, concatenando os mitos das religiões afro-brasileiras à experiência dos sujeitos negros no Brasil.

Os três trechos sugerem a existência de uma consciência política do dado da afrodescendência em obras produzidas por sujeitos negros. Nutrindo-se um discurso positivo da etnicidade, visualiza-se um projeto literário consciente da situação da população negra no Brasil.

O discurso negro-feminino

O discurso negro-feminino busca dar sentido à experiência da mulher negra através das relações interdiscursivas que ultrapassam os referenciais do tempo secular e homogêneo da Modernidade. Fernanda Miranda, em seu artigo “Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos”, relata:

Muitos romances de autoras negras no Brasil se comunicam (entre si) ao inscrever experiências históricas silenciadas em português. Trata-se de um corpo textual que evoca uma *episteme partilhada*, identificada pela sua ênfase em interpelar a História, tomando-a como um paradigma aberto que abarca novas possibilidades, desde o ponto de vista da experiência do sujeito negro. (MIRANDA, 2019, p.222)

A escrita de autoria negro-feminina tem o poder de interpelar a história e reescrevê-la a partir da experiência vivida pelas mulheres negras. Repensando os sentidos do tempo secular, essas obras inscrevem-se em uma nova temporalidade textual pautada primordialmente pela experiência. Dessa forma, constata-se “um corpus textual em que a autoria negra feminina estabelece o fio de contato e a forma de contar tece a conexão.” (MIRANDA, 2019, p.223).

É importante ressaltar que o dado da negritude nessa forma discursiva pode aparecer em sua forma consciente, em romances como *Ponciá Vicêncio* (2019), de Conceição Evaristo, quanto de forma não consciente e, muitas vezes, silenciosa, como no livro *As Mulheres de Tijucoapapo* (1992), de Marilene Felinto. No entanto, é o



discurso negro-feminino - como produção literária que parte do individual e se inscreve em uma nova temporalidade interdiscursiva coletiva - que dá sentido literário às experiências vividas pelas mulheres negras no Brasil.

O romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, é um dos primeiros momentos da historiografia literária brasileira em que uma obra apreende, a partir do ponto enunciativo da mulher negra, a experiência negro-feminina. O romance traz a história de Úrsula e do bacharel Tancredo. Em uma aparente história romântica clássica do amor predestinado, a autora oculta, nas lacunas formais, a subjetividade da mulher negra. Por exemplo, em um trecho, no capítulo XIX, a narração em terceira pessoa é subitamente interrompida e a instância narrativa é entregue à escrava Preta Susana, no momento em que ela contará à Antero, outro personagem negro da trama, sua vida no cativeiro:

Vou contar-te o meu cativeiro. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! nunca mais devia eu vê-la... (DOS REIS, 2017, p.102)

A interrupção da narrativa e a entrega do ato narrativo à Susana quebram a forma do conteúdo narrado. Por um momento, o narrador descentraliza o foco nos personagens principais e incorpora à trama a experiência da mulher negra como cativa. Em adição à incorporação da voz da mulher negra, o trecho aponta a posição de Preta Susana como escrava e mãe: marcadores sociais essenciais para o emular da experiência da mulher negra sob as amarras da instituição da escravidão e do trabalho doméstico no século XIX.

A poeta Zainne Lima da Silva também projeta, no poema “Memórias do Cárcere”, de seu livro *Pedra Sobre Pedra* (2020), a experiência da mulher negra, extrapolando as noções usuais de tempo, espaço e memória:

amei homens
cujo prazer era gozar o silêncio
principalmente quando deviam
explicações
para eles silenciar era uma escolha
um repouso a quem o direito do dizer
esteve sempre e sempre garantido
eu descobri o poder da garganta
para quê calar se estive muda nos
corpos
de minhas tatará tetra bisa avó
se estive quieta em Eva e em Maria
se meu único som legítimo fora o
gemido de choro
dentro de um navio negreiro
o silêncio para mim é cárcere (...) (DA SILVA, 2020, p. 25)

O silêncio, instaurado nas relações de poder entre homens e mulheres negras, tem a capacidade de produzir sentido (ORLANDI, 1993) e significar a própria obra literária a partir de suas camadas discursivas. No contexto do poema, esse silêncio é carregado com o sentido de enclausuramento da mulher negra. No entanto, a instância poética negro-feminina, ao exprimir seus sentimentos e sensações, desmobiliza o enclausuramento imposto pelo silêncio. Uma vez quebrado o silenciamento, as linhas temporais e espaciais da experiência vivida fragmentam-se e a experiência racial da instância poética integra-se às experiências de suas antepassadas. Emula-se um novo espaço-tempo fora do eixo do tempo secular e do espaço histórico da Modernidade.

Os dois exemplos citados mostram como a criação literária renova e, em determinado sentido, inventa novos eixos temporais e espaciais no ato narrativo. Muito mais do que um mero diálogo entre obras, trata-se de uma rede interdiscursiva



construída coletivamente a partir de uma complexa relação entre o processo criativo individual e a constituição de uma experiência feminina coletiva.

A negra dor do mestiço

Livio Sansone, em seu livro *Negritude sem Etnicidade*, ao analisar o impacto das diferentes terminologias de cor na construção subjetiva de sujeitos negros, reflete:

Se existe entre os pesquisadores um consenso de que a subjetividade e as incoerências da terminologia da cor usada na vida cotidiana refletem a situação das relações raciais no Brasil, existem, ainda assim, divergências nas interpretações do significado político dessa terminologia. Para os que definem essas relações raciais como “ambíguas” e caracterizadas por um mascaramento constante da negritude - bem como da branquitude absoluta, que muitos brasileiros negam, sugerindo terem também sangue negro ou índio -, a fluidez no uso da terminologia da cor reflete a fragilidade da identidade negra. Segundo essa abordagem, os negros precisam de linhas raciais claras para ser respeitados e para fortalecer sua autoestima. (SANSONE, 2007, p.75)

Como sujeitos imersos em relações raciais ambíguas incorporam os elementos da identidade racial negra? A terminologia plural da cor não é somente marca da violência racial, mas também comprovação de como a consciência da negritude não é compartilhada universalmente entre todos os sujeitos marcados pelo estigma da diferença racial. Para os corpos que habitam as fronteiras dúbias da malha racial nacional (ANZALDUA, 1988), a negritude pode ser vista como ponto de desconhecimento e /ou negação. O negar torna-se sintoma da crise de representação da identidade racial que, por sua vez, aparta o corpo mestiço da possibilidade de identificação como negro ou afrodescendente.

Sendo as identidades erigidas por sistemas simbólicos da representação social da identidade (WOODWARD, 2000), a característica fronteira dos mestiços nesses sistemas propicia uma mobilidade entre dois mundos distintos, opostos no que se

refere à obtenção de bens e privilégios sociais. Se é correta a clássica afirmação de Frantz Fanon, em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, que o “negro tem duas dimensões: uma com seu semelhante e outra com o branco” (FANON, 2008, p.33), é essencial identificarmos as formas pelas quais os sujeitos mestiços se inscrevem simultaneamente como corpos semelhantes e diferentes a cada um dos polos do binômio negritude/branquitude.

É dessa imbricada relação que surge o discurso da *Negra Dor do Mestiço*. Trata-se de uma forma discursiva presente nas lacunas da identidade racial, nos complexos pontos do pertencer e não pertencer. Diferente do discurso da *Política de Identidade*, içado a partir da consciência do dado da diferença, o discurso da *Negra dor do Mestiço* encontra-se no eixo da dúvida, da incompreensão e do desconhecido. Uma forma discursiva que não afirma abertamente a negritude; ou melhor, se a afirma, o faz pelo próprio silêncio. Se não se apropria da negritude como discurso consciente, do afirmar e do dizer, utiliza-se do não dito para dar sentido à experiência racial. Trata-se do que a linguista Eni Orlandi chama de *silêncio fundador*, não no sentido daquilo que é a “ausência de sons e palavras”, mas sim como o “princípio de toda significação” (ORLANDI, 1992, p.70). Assim, a “hipótese de que partimos é que o silêncio é a própria condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço “diferencial” da significação: “lugar” que permite à linguagem significar.” (Ibidem, 1992, p.70)

A *Negra Dor do Mestiço* manifesta-se pelo silêncio que significa. É por meio deste que os sentidos são constituídos - materializando, pela própria linguagem, a experiência aglutinadora das constantes do desconhecimento, da negação e da dor. O dado da diferença apesar de marcar presença nas produções literárias vinculadas a este discurso, é sucinto e muitas vezes quase invisível.

Sugeriu-se anteriormente, para melhor compreensão das maneiras pelas quais a experiência racial é projetada na literatura, a desvinculação da negritude de uma consciência política do dado da diferença. Essa desvinculação é essencial para



compreendermos a dinâmica da relação entre Escritura x Experiência (DUARTE, 2008) na produção literária de sujeitos mestiços. Não podemos simplesmente ignorar os impactos da mestiçagem e da ideologia da Democracia Racial na formação subjetiva dos que habitam o interstício das identidades raciais; igualmente não podemos ignorar que o discurso da negritude também se altera pela experiência fronteiriça desses sujeitos.

Assim sendo, uma das particularidades do racismo brasileiro é a imposição do limbo identitário aos sujeitos mestiços, desarticulando-os de um contato íntimo e afetivo com produtos culturais afro-brasileiros¹³. Entretanto, vale afirmar que essa imposição não imobiliza o discurso da negritude, e sim torna-o latente em formas lacunares e significativo nas lacunas dos processos da formação da identidade racial.

É nesse eixo que dúvidas sobre a identidade racial de autoras e autores são levantadas. É o exemplo de Mário de Andrade que, possuidor de uma extensa obra literária que dialoga em muitos aspectos com as relações raciais nacionais, tem sua identidade racial colocada constantemente em xeque e o conteúdo de suas obras raramente contrastadas ao discurso da negritude. No entanto, se olharmos atentamente para suas produções, é possível mapear a negritude materializada a partir do silêncio. Em uma estrofe do poema *Reconhecimento de Nêmesis*, publicado no livro "A Costela do Grão Cão", de 1947, vemos como a experiência racial é pautada:

Mão morena dele pausa
No meu braço... **Estremeci.**
Sou eu quando era guri
Esse garoto feioso.
Eu era assim mesmo... Eu era
Olhos e cabelos só.
Tão vulgar que fazia dó.
Nenhuma fruta não viera

13 Entendo como produtos culturais negros os objetos simbólicos da negritude, construídos e significados a partir do contexto da diáspora africana no atlântico. (SANSONE, 2007). Entre os objetos culturais encontram-se a expressão musical, vestimenta, cortes de cabelo, obras de arte, poesias, romances, etc.

Madurando temporã.
Eu era menino mesmo,
Menino... Cabelos só,
Que à custa de muita escova
E de muita brilhantina,
Me ondulavam na cabeça
Que nem sapé na lagoa
Si vem brisando a manhã (DE ANDRADE, p.240, s/d, grifos nossos)

O dado racial, como elemento conscientemente identitário e político, não é levantado no poema. No entanto, o que dita a rememoração da infância pela instância lírica é o pousar da “mão morena”. A cor ganha relevância semântica e dela erigem-se os elementos negativos da infância que, incorporados ao presente da enunciação, ocasionam o “estremecimento”. Evidencia-se a criança em conflito com sua imagem do passado: adjetivando a cor da mão do pequeno garoto como sendo “morena”, a instância lírica estabelece uma ligação de negação com a imagem.

O jogo entre a representação de passado sistematicamente negada e o estado de sofrimento individual no presente é repetido ao longo do poema. O fluxo entre a negação do dado racial, o silêncio da dor e a formação subjetiva do sujeito é essencial para que possamos dimensionar os graus de consciência da negritude da instância lírica. Apesar de existir a percepção de um estado de mal-estar, não temos em nenhum momento a demarcação da certeza da procedência da dor e muito menos uma projeção política e consciente desse dado. Assim, a negritude é construída pela atribuição de sentido dada ao não-dito e ao próprio silêncio discursivo: é no conflito entre o dado racial e o signo silencioso da dor que o discurso da *Negra Dor do Mestiço* se materializa.

A análise das obras de autores e autoras que estão na linha tênue e fronteira da malha racial brasileira possibilita-nos perceber que a experiência da negritude não é transmitida apenas pela sua forma consciente, mas também por um modo particular e silencioso de dar sentido ao vivido. A incerteza, o desconhecimento, a



negação e a incompreensão são alguns modos pelos quais o silêncio se torna um canal de significação, uma forma discursiva que aglutina a dor e o sentimento do não pertencimento do sujeito mestiço ao binômio negritude/branquitude.

A branqui-negritude

Eduardo de Assis Duarte caracteriza a Temática como ponto discursivo crucial da literatura afro-brasileira. Mas seriam as obras literárias ditas afro-brasileiras apenas aquelas que partem da temática vinculada estritamente à negritude? Não seria também a branquitude um elemento constitutivo da experiência racial negra no Brasil?

Há uma parcela da literatura afro-brasileira que objetiva a desconstrução do outro lado da moeda do binômio racial. Nessa construção discursiva, relaciona-se a identidade negra ao Outro, ou seja, àquilo que ela não é. Dessa forma, a compreensão da negritude passa necessariamente pelos processos discursivos da formação de identidade da *branquitude*. Compreender o *Outro* é essencial para a compreensão do “eu”; sendo assim, o sujeito negro que complexifica e descortina as relações de poder construídas pelo polo identitário da *branquitude* o faz pelo seu próprio ponto de vista experiencial e discursivo como sujeito negro.

Machado de Assis foi um autor que, durante muito tempo, foi visto como um escritor interessado apenas nas elites nacionais e um intelectual que deixou de lado a história do povo negro. A afirmação traz discórdia entre pesquisadores, mas é evidente que muitos críticos concordam que seus principais romances nada trazem da problemática da experiência do povo negro no Brasil. Ora, no entanto, o quanto da *branquitude* do final do século XIX e início do século XX não é encontrada nos personagens Brás Cubas, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), ou até em Bentinho, de *Dom Casmurro* (1889)? Além disso, o quanto da obra de Machado, em sua totalidade, não descortina as contradições raciais imperantes nas dinâmicas

sociais de fins do século XIX e aponta as relações de domínio da *branquitude* como identidade social hegemônica? Por fim, o quanto se atribui à experiência racial negra/mestiça de Machado de Assis o poder desse descortinar?

Saliento novamente que os discursos da negritude podem ser compreendidos como formas múltiplas de atribuição de sentido ao sistema simbólico da representação social da identidade negra. O discurso da *Branqui-negritude* trata-se da desconstrução do discurso da branquitude pelo eixo da própria experiência negra em sua multiplicidade, problematizando as estruturas de poder das relações raciais do Brasil, em um constante processo de desmobilização do *constructo ideológico de poder* da branquitude (SCHUCMAN, 2012), este, por sua vez, baseado em “vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos” (DA SILVA, 2017, p.30).

Lima Barreto (1881-1922), em muitos de seus romances, encara as relações de poder da *branquitude* e problematiza os conflitos raciais da época. Ao ater-nos ao romance *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), vemos como o herói principal está imerso nas relações de poder circunscritas ao polo da branquitude. Entusiasta de um pensamento nacional, idealista e imperial, retrógrado para o aparato intelectual da nova república, Policarpo não encontra espaço no rol do pensamento intelectual nacional-republicano do início do século XX. De um lado, Lima é perspicaz ao identificar as diferentes camadas discursivas da *branquitude* do final do século XIX e início do século XX, transpondo à trama as relações de poder entre distintos discursos da *branquitude* circulantes em sociedade; de outro, é contundente ao demonstrar que essas camadas discursivas exercem poder e conflitam-se pela hegemonia da representação social da identidade.

O discurso da *Branqui-negritude* possibilita a identificação de uma forma particular de empreender a negritude: a partir da problematização das relações de poder do *Outro*. Acredito que o desenvolvimento do conceito permitirá que autores como Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros, se ainda não integram o rol dos grandes



autores afro-brasileiros, possam, pelo menos, ter seus trabalhos redimensionados por uma nova perspectiva da relação entre literatura e afrodescendência: a que utiliza de uma experiência vivida da negritude para desarticular o poder de seu contrário.

Considerações finais

Busquei tratar a literatura afro-brasileira como um conjunto interdiscursivo que, de distintas maneiras, projetam diferentes discursos que dão sentido às experiências dos sujeitos negros no Brasil. Levando em consideração que grande parte da história das relações raciais no Brasil se deu por um sistemático encobrimento das violências e por um imperativo projeto de cisão identitária das subjetividades negras, é natural que sujeitos materializem artisticamente a negritude de distintas maneiras. O olhar atento às obras literárias escritas por pessoas negras/mestiças nos dá um panorama de como esses discursos espelham a experiência da afrodescendência.

Mais do que encontrar um aparato teórico que possibilite a inclusão/exclusão de uma obra à vertente afro-brasileira, sugiro que críticos se atenham aos processos de formação da subjetividade de sujeitos negros e às formas pelas quais a experiência racial é emulada nas obras literárias. Acredito ser mais valoroso levantarmos os pontos da *Autoria*, a *Temática*, a *Linguagem*, o *Público* e o *Ponto de vista* como ferramentas de análise da formação discursiva da negritude, ao invés de sistematizá-los como conceitos fixos e comprovadores de uma “essência” afrodescendente.

Essa mudança teórico-conceitual é essencial e urgente para não cairmos no triste jogo das práticas de apagamento histórico das experiências e subjetividades dos povos dominados. Partir de certezas e dados absolutos quando tratamos das relações raciais brasileiras é impor uma unidade analítica homogênea a uma realidade histórico-social heterogênea. Pensar em formas absolutas da negritude, a partir dos eixos propostos por Eduardo de Assis Duarte, é fixar subjetividades distintas

como iguais, apagando, assim, as particularidades das distintas experiências raciais nacionais. Em contrapartida, torná-las unidades de análise auxilia-nos a compreensão dos discursos da negritude e permite-nos adentrar nas camadas mais profundas da realidade nacional, naquilo que é próprio da formação da negritude brasileira: o amálgama interdiscursivo das diferentes experiências do povo negro.

Espera-se que o artigo levante novos debates e reflexões acerca da literatura afro-brasileira. É claro que existem ainda pontos extremamente necessários para reflexão e lacunas a serem preenchidas neste trabalho. No entanto, o artigo não busca concluir e esgotar o assunto, pelo contrário, ele é apenas um pontapé inicial para que pesquisas futuras aprofundem os debates suscitados ou, até mesmo, contestem-nos.

Referências

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

BHABA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. IN: *Lima Barreto: obra reunida, volume 1*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

BARRETO, Lima. *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. IN: *Lima Barreto: obra reunida, volume 1*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e Negros em São Paulo*. 4 ed. São Paulo: Global Editora, 2008

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000

DA SILVA, Priscila Elisabete. *O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo*. IN: MULLER, Tânia M.P.; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude - Estudos sobre a identidade branca no Brasil*. 1 ed. Curitiba, 2017



- DA SILVA, Zainne. *Pedra sobre pedra*. Belo Horizonte, Editora Venas Abiertas, 2020
- DE ANDRADE, Mário. *A costela do grão cão*. IN: *De Paulicéia Desvairada a Café (poesia completas)*. São Paulo: Círculo do livro, s/d
- DOS REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In. *Terceira Margem*, v. 14, n. 23, p. 113-138, jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953/8012>. Acesso em: 14 Dez. 2017.
- EVARISTO, C. *Poemas de recordação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017
- EVARISTO, C. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, 13(25), 17-31. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> (2009)
- EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. 3.ed. São Paulo: Editora Pallas, 2019
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2008
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007
- FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global Editora, 2008
- FERNANDES, Cleudemar Alves Fernandes. *Análise do Discurso - Reflexões Introdutórias*. São Paulo: Claraluz, 2007. Não paginado. Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/noticias/livro-analise-do-discurso-reflexoes-introdutorias-cleudemar-alves-fernandes>
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- PROENÇA-FILHO, Domício. O negro na literatura brasileira. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, Jan./Dez, 1988.
- GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978
- MIRANDA, F. R. Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos. *Revista Crioula*. IN: *Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras*, São Paulo: v.1 n.23) p. 214-230. agos. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2019.156225>
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. Sãom Paulo: Editora 34, 2019
- FELINTO, Marilene. *Mulheres do Tijucoapapo*. São Paulo: Editora 34, 1992
- GAMA, Luiz. *Trovas Burlescas*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016

MARIANO, José Victor Nunes; INACIO, Emerson. Estética da interseccionalidade, uma análise do conto Ana Davega, de Conceição Evaristo. IN: *Escrivivências de Mulheres Negras na Diáspora*, Revista Revell. Mato Grosso do Sul, 1 (24), 466–480, set. 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4818>

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio - No movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Panorama da literatura afro-brasileira*. Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira>

SANSONE, Lívio. *Negritude sem Etnicidade*. Salvador: Pallas, 2004

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de doutorado. São Paulo: 2012

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-Descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. São Paulo: Auêntica, 2005.

TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. In: *Psicologia, ciência e profissão*. São Paulo v.22, n.4, p.2-13, 2002.

TRINDADE, Solano. *Poemas Antológicos*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2011

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes 2014.